

THELAZIOSE EM CÃES: ASPECTOS CLÍNICOS, EPIDEMIOLÓGICOS E IMPLICAÇÕES ZOONÓTICAS – UMA REVISÃO DE LITERATURA**THELAZIOSIS IN DOGS: CLINICAL, EPIDEMIOLOGICAL ASPECTS AND ZOONOTIC IMPLICATIONS – A LITERATURE REVIEW****TELAZIOVIOSIS EN PERROS: ASPECTOS CLÍNICOS, EPIDEMIOLÓGICOS E IMPLICACIONES ZOONÓTICAS – UNA REVISIÓN BIBLIOGRÁFICA**<https://doi.org/10.56238/ERR01v10n5-053>**Emily Andrade de Souza****Ingrid de Oliveira Amorim****Kathellin Barreto Dutra Rezende****Milena Carnot Madeira dos Santos****Wallace Coutinho de Almeida Cunha****RESUMO**

A Thelaziose é uma parasitose ocular causada por nematoídes do gênero *Thelazia*, que acomete cães, gatos e, ocasionalmente, humanos. O gênero foi descrito no século XVII, e desde então diversas espécies foram identificadas, destacando-se *Thelazia callipaeda*, de importância zoonótica. A transmissão ocorre por meio de moscas lacrimófagas do gênero *Phortica*, que ingerem larvas presentes nas secreções oculares dos animais infectados e posteriormente as depositam em novos hospedeiros, completando o ciclo biológico. Embora amplamente relatada na Europa e Ásia, a doença é pouco documentada no Brasil, apesar das condições climáticas e ambientais favoráveis à presença dos vetores. Os principais sinais clínicos incluem conjuntivite, lacrimejamento excessivo, fotofobia e secreção ocular, podendo evoluir para úlceras corneanas e infecções secundárias. O diagnóstico é feito pela observação direta dos parasitas nas estruturas oculares e análise microscópica das secreções. O tratamento baseia-se na remoção mecânica dos vermes associada ao uso de antiparasitários como ivermectina e moxidectina. O controle envolve medidas ambientais e prevenção da exposição a moscas vetoras, além da conscientização dos tutores. A escassez de registros nacionais reforça a necessidade de estudos epidemiológicos e de vigilância veterinária para avaliar a real ocorrência da enfermidade no país. Assim, compreender a dinâmica de transmissão e os fatores de risco é essencial para o diagnóstico precoce e o controle efetivo da thelaziose em cães, prevenindo também possíveis implicações zoonóticas.

Palavras-chave: Thelazia. Cães. Parasitose Ocular. Zoonose. Moscas Vetoras. Diagnóstico. Controle. Tratamento.

ABSTRACT

Thelaziasis is an ocular parasitosis caused by nematodes of the genus Thelazia, affecting dogs, cats, and occasionally humans. The genus was described in the 17th century, and since then several species have been identified, notably *Thelazia callipaeda*, which is of zoonotic importance. Transmission occurs through lacrimophagous flies of the genus *Phortica*, which ingest larvae present in the ocular secretions of infected animals and subsequently deposit them in new hosts, completing the biological cycle. Although widely reported in Europe and Asia, the disease is poorly documented in Brazil, despite the favorable climatic and environmental conditions for the presence of the vectors. The main clinical signs include conjunctivitis, excessive tearing, photophobia, and ocular discharge, which can progress to corneal ulcers and secondary infections. Diagnosis is made by direct observation of the parasites in the ocular structures and microscopic analysis of the secretions. Treatment is based on the mechanical removal of the worms associated with the use of antiparasitics such as ivermectin and moxidectin. Control involves environmental measures and prevention of exposure to vector flies, as well as owner awareness. The scarcity of national records reinforces the need for epidemiological studies and veterinary surveillance to assess the actual occurrence of the disease in the country. Thus, understanding the transmission dynamics and risk factors is essential for early diagnosis and effective control of thelaziasis in dogs, also preventing possible zoonotic implications.

Keywords: Thelazia. Dogs. Ocular Parasitosis. Zoonosis. Vector Flies. Diagnosis. Control. Treatment.

RESUMEN

La telaziasis es una parasitosis ocular causada por nematodos del género **Thelazia**, que afecta a perros, gatos y, ocasionalmente, a humanos. Este género fue descrito en el siglo XVII y, desde entonces, se han identificado varias especies, entre las que destaca **Thelazia callipaeda**, de importancia zoonótica. La transmisión se produce a través de moscas lacrimófagas del género **Phortica**, que ingieren las larvas presentes en las secreciones oculares de animales infectados y posteriormente las depositan en nuevos huéspedes, completando así el ciclo biológico. Si bien está ampliamente documentada en Europa y Asia, la enfermedad está poco documentada en Brasil, a pesar de las condiciones climáticas y ambientales favorables para la presencia de vectores. Los principales signos clínicos incluyen conjuntivitis, lagrimeo excesivo, fotofobia y secreción ocular, que puede progresar a úlceras corneales e infecciones secundarias. El diagnóstico se realiza mediante la observación directa de los parásitos en las estructuras oculares y el análisis microscópico de las secreciones. El tratamiento se basa en la extracción mecánica de los gusanos combinada con el uso de antiparasitarios como la ivermectina y la moxidectina. El control incluye medidas ambientales y la prevención de la exposición a moscas vectoras, así como la sensibilización de los dueños de mascotas. La escasez de registros nacionales refuerza la necesidad de realizar estudios epidemiológicos y vigilancia veterinaria para evaluar la incidencia real de la enfermedad en el país. Por lo tanto, comprender la dinámica de transmisión y los factores de riesgo es esencial para el diagnóstico precoz y el control eficaz de la telaziasis en perros, previniendo además posibles implicaciones zoonóticas.

Palabras clave: Thelazia. Perros. Parasitosis Ocular. Zoonosis. Moscas Vectoras. Diagnóstico. Control. Tratamiento.

1 INTRODUÇÃO

A Thelaziose canina é uma parasitose ocular causada por nematoides do gênero *Thelazia*, que acomete principalmente cães, mas também pode afetar gatos e, em casos raros, humanos. A infecção ocorre quando moscas lacrimófagas depositam larvas infectantes nos olhos dos hospedeiros definitivos. Embora a doença seja endêmica em várias regiões do mundo, incluindo Europa, Ásia e América do Norte, sua ocorrência no Brasil ainda é pouco documentada, destacando a necessidade de estudos epidemiológicos e clínicos para avaliar sua relevância no país (Fiocruz, 2021).

A literatura científica brasileira sobre *Thelazia* em cães é escassa, com poucos registros de casos clínicos. Estudos realizados por instituições como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e universidades federais indicam que a fauna brasileira possui condições ambientais que poderiam favorecer a instalação do ciclo biológico do parasita. A ausência de registros clínicos não deve ser interpretada como inexistência do risco; pelo contrário, a vigilância ativa e o monitoramento entomológico são ferramentas essenciais para antecipar possíveis emergências parasitológicas (Fiocruz, 2020).

O ciclo biológico de *Thelazia* é indireto, envolvendo hospedeiros definitivos e intermediários. Os hospedeiros definitivos incluem carnívoros domésticos e silvestres, como cães e gatos, além de humanos em casos zoonóticos. O ciclo inicia-se quando moscas lacrimófagas, como *Phortica variegata*, se alimentam das secreções oculares dos hospedeiros infectados, ingerindo larvas de primeiro estágio (L1). Dentro do intestino da mosca, essas larvas sofrem duas mudas, tornando-se larvas infectantes de terceiro estágio (L3). Quando a mosca se alimenta novamente das secreções lacrimais de um hospedeiro suscetível, as larvas L3 são depositadas, iniciando a infecção (UFRGS, 2019).

A adaptação de *Thelazia* ao ambiente ocular é notável. Os vermes adultos localizam-se no saco conjuntival, ductos lacrimais e membrana nictitante, alimentando-se das secreções lacrimais. Essa localização oferece nutrientes essenciais, como glicose e eletrólitos, além de proteção contra fatores ambientais adversos. A presença dos vermes pode causar inflamação local, levando a sintomas como lacrimejamento excessivo, fotofobia e secreção ocular. Embora o ciclo biológico básico seja semelhante entre as espécies, diferenças podem ocorrer em relação aos hospedeiros intermediários e à distribuição geográfica, influenciando a epidemiologia da infecção (Fiocruz, 2022).

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 HISTÓRICO

O gênero *Thelazia* foi descrito pela primeira vez no século XVII, quando pesquisadores identificaram nematoides parasitando os olhos de mamíferos. Desde então, diversas espécies foram reconhecidas, incluindo *Thelazia callipaeda*, *Thelazia californiensis* e *Thelazia gulosa*, que afetam



cães, gatos, bovinos e humanos. A evolução do conhecimento sobre o gênero permitiu compreender melhor a complexidade de sua transmissão, mostrando que a presença de hospedeiros intermediários é essencial para o ciclo de vida do parasita (Fiocruz, 2021).

Ao longo do século XX, estudos sistemáticos sobre a Thelazia revelaram que a doença não era restrita a regiões específicas, mas apresentava distribuição global, com casos registrados em Europa, Ásia e América do Norte. No Brasil, a thelaziose em cães começou a ser relatada apenas no final do século XX, em função do aumento da vigilância veterinária e da melhora nos métodos de diagnóstico (Ministério da Saúde, 2020). Essa diversidade sugere que o ecossistema brasileiro possui condições ambientais e biológicas que poderiam, em teoria, sustentar a introdução ou estabelecimento do parasita em cães, caso os vetores adequados estejam presentes. Por isso, a comunidade veterinária e pesquisadores de saúde pública consideram a vigilância ativa um componente essencial para detectar precocemente eventuais casos autóctones e prevenir possíveis zoonoses (Silva et al., 2017).

A compreensão do ciclo biológico da Thelazia e a identificação de seus vetores, como moscas do gênero *Phortica*, foram marcos importantes na história da parasitologia veterinária. Pesquisadores notaram que a transmissão dependia não apenas da presença do parasita, mas também do comportamento alimentar e reprodutivo dos vetores. Este conhecimento histórico foi crucial para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e controle da doença, especialmente em regiões com alta densidade populacional de cães (Fiocruz, 2021).

A relevância epidemiológica do parasita também está relacionada ao aumento do comércio internacional de animais de companhia, viagens intercontinentais e alterações climáticas, fatores que potencializam a dispersão de vetores e criam condições favoráveis para que *T. callipaeda* se instale em regiões anteriormente livres da doença. No cenário brasileiro, essas mudanças representam uma ameaça latente, embora ainda pouco explorada em termos de dados clínicos. Estudos realizados por institutos de pesquisa nacionais enfatizam a necessidade de levantamento entomológico detalhado, identificação de moscas lacrimofágas potenciais e monitoramento clínico de cães em regiões de risco, de modo a gerar um panorama epidemiológico mais preciso (Fiocruz, 2018).

Diante desse contexto, compreender o histórico e a presença de Thelazia no Brasil é fundamental para direcionar políticas de prevenção e estratégias de manejo. A literatura sugere que, mesmo na ausência de registros autóctones de *T. callipaeda*, a existência de espécies congêneres no país e a possibilidade de adaptação do parasita importado reforçam a necessidade de protocolos clínicos e laboratoriais estruturados para diagnóstico precoce e controle efetivo. Além disso, a formação de profissionais veterinários capacitados e o desenvolvimento de pesquisas locais tornam-se prioridades estratégicas para reduzir o risco de emergência dessa enfermidade ocular em cães e, potencialmente, em humanos (Colella & Otranto, 2019).



2.2 EPIDEMIOLOGIA

O gênero *Thelazia* foi descrito pela primeira vez no século XVII, quando pesquisadores identificaram nematoides parasitando os olhos de mamíferos. Desde então, diversas espécies foram reconhecidas, incluindo *Thelazia callipaeda*, *Thelazia californiensis* e *Thelazia gulosa*, que afetam cães, gatos, bovinos e humanos. A evolução do conhecimento sobre o gênero permitiu compreender melhor a complexidade de sua transmissão, mostrando que a presença de hospedeiros intermediários é essencial para o ciclo de vida do parasita (Fiocruz, 2021).

Ao longo do século XX, estudos sistemáticos sobre a *Thelazia* revelaram que a doença não era restrita a regiões específicas, mas apresentava distribuição global, com casos registrados em Europa, Ásia e América do Norte. No Brasil, a thelaziose em cães começou a ser relatada apenas no final do século XX, em função do aumento da vigilância veterinária e da melhora nos métodos de diagnóstico. Estes achados destacam a importância histórica da investigação clínica e laboratorial para o reconhecimento da doença em novas áreas (Ministério da Saúde, 2020).

A compreensão do ciclo biológico da *Thelazia* e a identificação de seus vetores, como moscas do gênero *Phortica*, foram marcos importantes na história da parasitologia veterinária. Pesquisadores notaram que a transmissão dependia não apenas da presença do parasita, mas também do comportamento alimentar e reprodutivo dos vetores. Este conhecimento histórico foi crucial para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e controle da doença, especialmente em regiões com alta densidade populacional de cães (Fiocruz, 2021).

Estudos históricos também revelaram que, em muitas situações, a thelaziose era confundida com outras patologias oculares, o que retardava o diagnóstico e comprometia o tratamento adequado. A evolução das técnicas laboratoriais, incluindo a observação microscópica das larvas em secreções oculares e exames parasitológicos, contribuiu significativamente para a identificação correta da doença. Este avanço histórico evidencia a importância da integração entre pesquisa científica e prática clínica (Ministério da Saúde, 2020).

Finalmente, a história da thelaziose em cães demonstra a necessidade contínua de registro e estudo de casos clínicos. Cada novo relato contribui para a compreensão da distribuição, comportamento epidemiológico e impacto clínico do parasita, além de fornecer informações relevantes para o desenvolvimento de políticas de saúde animal e estratégias de prevenção mais eficazes. A documentação histórica da doença é, portanto, um componente fundamental na construção do conhecimento científico sobre a *Thelazia* (Fiocruz, 2021).



2.3 DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A Thelazia apresenta distribuição global, sendo registrada em diversas regiões da Ásia, Europa e América do Norte. Estudos mostram que a doença ocorre em áreas com presença de hospedeiros intermediários, principalmente moscas do gênero *Phortica*, que facilitam a transmissão do parasita para cães e outros mamíferos (Fiocruz, 2021).

No Brasil, os casos de thelaziose em cães ainda são considerados raros, com relatos esparsos em algumas regiões rurais e semiurbanas. A escassez de estudos nacionais e a falta de notificação sistemática dificultam a definição de áreas endêmicas, indicando que a doença pode estar subdiagnosticada em território nacional (Ministério da Saúde, 2020).

A literatura aponta que a thelaziose tende a ocorrer em regiões com maior umidade e vegetação abundante, favorecendo a proliferação das moscas vetoras. Em áreas urbanas, a presença do parasita é menos frequente, mas não inexistente, especialmente em bairros próximos a áreas verdes ou com elevado contato de cães com ambientes rurais (Fiocruz, 2021).

Em outros países, como Portugal e Itália, a distribuição da thelaziose é mais bem documentada, com registros consistentes em cães domésticos e silvestres. Esses dados são importantes para compreender a dispersão do parasita e para comparar padrões epidemiológicos entre regiões endêmicas e não endêmicas, fornecendo subsídios para a vigilância no Brasil (Ministério da Saúde, 2020). Finalmente, a distribuição geográfica da Thelazia evidencia a necessidade de monitoramento contínuo, tanto em cães domésticos quanto em populações silvestres, para identificar áreas de risco e orientar políticas de prevenção e controle adaptadas às condições ambientais e climáticas de cada região (Fiocruz, 2021).

2.4 CICLO BIOLÓGICO

O ciclo biológico de *Thelazia* spp. É indireto, envolvendo hospedeiros definitivos e intermediários. Os hospedeiros definitivos incluem carnívoros domésticos e silvestres, como cães e gatos, além de humanos em casos zoonóticos. O ciclo inicia-se quando as moscas lacrimófagas, como *Phortica variegata*, se alimentam das secreções oculares dos hospedeiros infectados, ingerindo as larvas de primeiro estágio (L1). Dentro do intestino da mosca, essas larvas sofrem duas mudas, tornando-se larvas infectantes de terceiro estágio (L3). Quando a mosca se alimenta novamente das secreções lacrimais de um hospedeiro suscetível, as larvas L3 são depositadas, iniciando a infecção. Esse ciclo é crucial para a transmissão da thelaziose, uma vez que os vetores desempenham papel fundamental na disseminação do parasita (Otranto et al., 2011).

A adaptação de Thelazia ao ambiente ocular é notável. Os vermes adultos localizam-se no saco conjuntival, ductos lacrimais e membrana nictitante, onde se alimentam das secreções lacrimais. Essa localização oferece nutrientes essenciais, como glicose e eletrólitos, além de proteção contrafatores ambientais adversos. A presença dos vermes pode causar inflamação local, levando a sintomas como lacrimejamento excessivo, fotofobia e secreção ocular. Embora o ciclo biológico básico seja semelhante entre as espécies, diferenças podem ocorrer em relação aos hospedeiros intermediários e à distribuição geográfica, influenciando a epidemiologia da infecção (Silva et al., 2017).

No Brasil, a presença de Thelazia em cães não foi amplamente documentada até o momento. No entanto, estudos realizados por instituições e universidades federais indicam que a fauna brasileira possui condições ambientais que poderiam favorecer a instalação do ciclo biológico do parasita. A diversidade de vetores potenciais, como moscas lacrimófagas nativas, e a presença de hospedeiros definitivos suscetíveis sugerem que, embora não haja registros clínicos confirmados, o risco de introdução e estabelecimento do parasita no país existe. A vigilância entomológica e clínica é essencial para monitorar possíveis casos e prevenir surtos (Fiocruz, 2018).

Além disso, fatores como mudanças climáticas, aumento do comércio de animais de estimação e mobilidade humana internacional podem facilitar a dispersão de Thelazia para novas regiões. O Brasil, com sua vasta extensão territorial e diversidade ecológica, apresenta áreas que podem ser propícias para a adaptação do parasita. Portanto, é fundamental que as autoridades sanitárias e profissionais veterinários estejam atentos a possíveis sinais de infecção e implementem estratégias de controle adequadas. A colaboração entre instituições de pesquisa, como a Fiocruz, e universidades é crucial para o desenvolvimento de protocolos diagnósticos e terapêuticos eficazes, além de programas de prevenção que envolvam a conscientização da população e o controle de vetores (Silva et al., 2017).

2.5 TRANSMISSÃO

A transmissão da Thelazia ocorre principalmente por moscas do gênero Phortica, que atuam como vetores biológicos, transportando larvas infectantes de um animal para outro. As moscas se alimentam das secreções lacrimais dos cães infectados, ingerindo as larvas L1, que posteriormente se desenvolvem para L3 dentro do vetor, tornando-o capaz de transmitir a infecção (Fiocruz, 2021).

O contato entre o vetor e o hospedeiro definitivo é determinante para a transmissão. Quando a mosca visita outro cão para se alimentar das secreções lacrimais, as larvas L3 são depositadas na conjuntiva, córnea e estruturas perioculares, iniciando a fase adulta da parasitose (Ministério da Saúde, 2020).

Estudos indicam que a taxa de transmissão está relacionada à densidade populacional das moscas e à exposição dos cães em ambientes externos ou rurais. Animais que permanecem em áreas abertas por longos períodos apresentam maior risco de infecção, devido à maior interação com moscas vetores (Fiocruz, 2021).

Fatores sazonais também influenciam a transmissão. Durante períodos quentes e úmidos, a atividade das moscas é mais intensa, aumentando a probabilidade de disseminação das larvas entre os cães. Por isso, medidas preventivas devem considerar o período de maior atividade vetorial (Ministério da Saúde, 2020).

Além disso, a transmissão indireta é pouco significativa, pois a Thelazia depende exclusivamente do vetor para completar seu ciclo. O contato direto entre cães ou outras superfícies contaminadas não é suficiente para a propagação, reforçando a importância do controle de moscas como principal medida preventiva (Fiocruz, 2021).

2.5.1 Sinais Clínicos

A infecção por Thelazia em cães manifesta-se principalmente nos olhos, com sintomas que variam de leves a graves. Entre os sinais mais comuns estão a conjuntivite, lacrimejamento excessivo, hiperemia conjuntival e fotofobia, que podem comprometer significativamente o bem-estar do animal. Estudos indicam que a intensidade dos sinais clínicos está relacionada à carga parasitária e à duração da infecção (Fiocruz, 2021).

Em casos mais avançados, a presença contínua dos nematoides pode causar úlceras corneanas, edema palpebral e formação de secreção mucopurulenta, o que aumenta o risco de infecções secundárias. Animais jovens ou imunocomprometidos apresentam maior suscetibilidade a complicações, evidenciando a necessidade de diagnóstico precoce (Ministério da Saúde, 2020).

Além dos sinais oculares, alguns cães podem apresentar comportamento inquieto, coçando os olhos ou esfregando-os contra superfícies. Esse comportamento é consequência da irritação ocular provocada pelo parasita e pode agravar lesões existentes, levando a complicações adicionais como trauma corneano ou perfuração em casos extremos (Fiocruz, 2021).

A identificação clínica da thelaziose é frequentemente dificultada pela semelhança com outras doenças oculares, como ceratoconjuntivite ou infecções bacterianas e virais. Por isso, a avaliação clínica deve ser complementada por exames parasitológicos ou observação direta das larvas e nematoides na conjuntiva e secreções lacrimais (Ministério da Saúde, 2020).

Por fim, a compreensão dos sinais clínicos é essencial para o manejo adequado da doença, permitindo que veterinários adotem medidas preventivas e terapêuticas adequadas. A educação dos

proprietários sobre os sintomas iniciais pode contribuir para a detecção precoce e o tratamento eficiente da thelaziose (Fiocruz, 2021).

2.6 DIAGNÓSTICO

O diagnóstico da thelaziose em cães baseia-se, inicialmente, na observação clínica dos sinais oculares característicos, como lacrimejamento, conjuntivite, fotofobia e secreção mucopurulenta. No entanto, devido à semelhança com outras doenças oftálmicas, a confirmação requer exames parasitológicos que permitam identificar diretamente os nematoides presentes na conjuntiva ou nas secreções lacrimais (Fiocruz, 2021).

A avaliação laboratorial inclui a coleta de secreção ocular e a análise microscópica para a identificação das larvas ou nematoides adultos. Esse exame permite diferenciar a Thelazia de outras causas de conjuntivite e de doenças oculares bacterianas ou virais, garantindo um diagnóstico mais preciso e direcionando o tratamento adequado (Ministério da Saúde, 2020).

Em casos suspeitos, a história clínica do animal também é relevante, considerando fatores como exposição a áreas rurais ou silvestres e contato com moscas vetoras. A combinação de sinais clínicos, histórico ambiental e exames laboratoriais aumenta a acurácia diagnóstica e reduz o risco de diagnósticos equivocados (Fiocruz, 2021).

Estudos indicam que a utilização de técnicas avançadas, como exames moleculares, pode ser empregada em pesquisas epidemiológicas para identificar a espécie específica de Thelazia. Essas técnicas são especialmente úteis em regiões endêmicas e para monitoramento de surtos, permitindo uma compreensão mais detalhada da distribuição da doença (Ministério da Saúde, 2020).

Por tanto, o diagnóstico precoce é fundamental para evitar complicações graves, como úlceras corneanas e infecções secundárias. A capacitação de profissionais veterinários e a conscientização dos proprietários sobre os sinais iniciais da doença contribuem diretamente para o manejo eficaz da thelaziose em cães (Fiocruz, 2021).

2.7 TRATAMENTO

O tratamento da thelaziose em cães baseia-se principalmente na remoção mecânica dos nematoides presentes na conjuntiva e nas secreções lacrimais. Essa intervenção permite reduzir rapidamente a carga parasitária, aliviar os sintomas clínicos e prevenir complicações oculares mais graves, como úlceras corneanas e infecções secundárias (Fiocruz, 2021).

Além da remoção mecânica, medicamentos antiparasitários sistêmicos são frequentemente indicados para garantir a eliminação completa do parasita. Fármacos como ivermectina, moxidectina e associações com imidacloprido têm demonstrado eficácia no tratamento da thelaziose, contribuindo

para a resolução clínica e evitando a infestação (Ministério da Saúde, 2020). O tratamento deve ser acompanhado de cuidados de suporte, incluindo higienização ocular com soluções fisiológicas ou colírios lubrificantes, para minimizar a irritação e acelerar a recuperação. Em casos de inflamação intensa, pode ser necessário o uso de anti-inflamatórios tópicos ou sistêmicos sob supervisão veterinária (Fiocruz, 2021).

A escolha do protocolo terapêutico depende da gravidade da infestação, do estado clínico do animal e da disponibilidade de medicamentos. Animais com infecções leves podem responder apenas à remoção mecânica, enquanto casos graves exigem combinação de tratamentos farmacológicos e suporte ocular intensivo (Ministério da Saúde, 2020).

Com tudo, a eficácia do tratamento depende também da identificação precoce da doença. A conscientização dos proprietários quanto aos sinais clínicos iniciais e a avaliação regular por profissionais veterinários são essenciais para garantir a eliminação do parasita e prevenir complicações associadas à thelaziose em cães (Fiocruz, 2021).

2.8 CONTROLE

O controle da thelaziose em cães baseia-se principalmente na prevenção da exposição ao vetor, moscas do gênero Phortica. Medidas ambientais, como limpeza adequada do ambiente, eliminação de lixo orgânico e redução de matéria orgânica em áreas externas, contribuem para diminuir a densidade das moscas e, consequentemente, o risco de infecção (Fiocruz, 2021).

Outra estratégia importante é o uso de produtos repelentes e inseticidas específicos em áreas de maior risco. A aplicação de medicamentos tópicos ou sistêmicos com ação antiparasitária, em animais residentes em regiões endêmicas, pode prevenir a infestação, complementando as medidas ambientais e reduzindo a transmissão da doença (Ministério da Saúde, 2020).

O controle também envolve a conscientização dos proprietários sobre o risco de exposição dos cães às moscas vetores. Evitar que os animais permaneçam longos períodos em áreas externas ou rurais durante períodos de maior atividade das moscas é uma medida preventiva eficiente. Além disso, a inspeção ocular regular permite identificar precocemente casos de infestação e reduzir a disseminação do parasita (Fiocruz, 2021).

Programas de vigilância veterinária são essenciais para monitorar a ocorrência da thelaziose e identificar áreas de risco. A notificação de casos clínicos e a realização de estudos epidemiológicos ajudam a construir mapas de distribuição e orientar ações de controle direcionadas, especialmente em regiões onde a presença do vetor é significativa (Ministério da Saúde, 2020).

Ou seja, a integração de medidas preventivas, tratamento precoce e educação dos proprietários constitui a base do controle da thelaziose em cães. O sucesso depende da atuação coordenada entre

profissionais veterinários, autoridades de saúde pública e tutores, garantindo a redução da incidência e a proteção da saúde animal (Fiocruz, 2021).

3 CONSIDERAÇÃO FINAL

A Thelaziose em cães representa uma enfermidade de relevância crescente para a medicina veterinária, especialmente devido ao seu potencial zoonótico e à capacidade de adaptação do parasita a diferentes condições ambientais. Embora ainda pouco relatada no Brasil, as evidências apontam para a existência de fatores ecológicos favoráveis à manutenção do ciclo biológico de *Thelazia spp.*, o que torna indispensável a vigilância epidemiológica e o monitoramento constante por parte dos profissionais da área. A presença de moscas vetoras, associada às condições climáticas tropicais, reforça a necessidade de medidas preventivas que incluem o controle ambiental, uso de repelentes e campanhas educativas voltadas aos tutores de animais. O diagnóstico precoce e o tratamento adequado são fundamentais para evitar complicações oculares graves e reduzir a disseminação do parasita. Além disso, o fortalecimento das ações de pesquisa em instituições como a Fiocruz e universidades federais é essencial para compreender melhor a distribuição geográfica da doença e suas implicações em saúde pública. A capacitação de médicos-veterinários para identificar e manejar casos suspeitos também se mostra imprescindível. Assim, a abordagem integrada entre vigilância, educação e pesquisa constitui a principal estratégia para prevenir a emergência da Thelaziose em cães no território brasileiro, garantindo a saúde dos animais e reduzindo o risco de transmissão ao homem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Doenças parasitárias de importância em saúde pública: vigilância, diagnóstico e controle. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

COLELLA, V.; OTRANTO, D. *Thelazia callipaeda: transmission, diagnosis and control measures in Europe*. Veterinary Parasitology, v. 275, p. 108-113, 2019.

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz. Relatórios técnicos sobre *Thelazia* spp. em animais domésticos no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2018.

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz. Estudos epidemiológicos sobre parasitos oculares em cães e humanos. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz. Parasitologia veterinária: nematoides de importância zoonótica. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021.

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz. Ciclo biológico e adaptação ambiental de *Thelazia* spp. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022.

OTRANTO, D. et al. *Thelazia callipaeda* (Spirurida, Thelaziidae) in dogs and cats: morphological and molecular data on worms and vectors. Veterinary Parasitology, v. 176, p. 377–384, 2011.

SILVA, F. M. da; LOPES, A. C.; SOUZA, R. T. Aspectos clínicos e epidemiológicos da Thelaziose em animais domésticos. Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária, v. 26, n. 4, p. 560–567, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). Ciclo biológico de *Thelazia* spp. em cães e felinos domésticos. Porto Alegre: UFRGS, 2019.